

FERRARI, LILIAN. *INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA COGNITIVA*. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2011.

Resenhado por Ane Cristina Thurow
Universidade Católica de Pelotas

O livro *Introdução à Linguística Cognitiva*, de Lilian Ferrari, trata dos pressupostos teóricos e analíticos da Linguística Cognitiva, explicitando as diferentes formas de pesquisa na área, envolvendo a forma e o significado, a dinâmica da gramática, a perspectiva do falante e o aspecto cognitivo e experiencial da linguagem. Para tanto, a autora apresenta oito capítulos com as diferentes teorias, os conceitos basilares, as formas de análise linguística e exercícios, começando pela teoria base, a Linguística Cognitiva (LC), para após trazer as interpretações teóricas e finalizar com sua conclusão.

O primeiro capítulo “O que é Linguística Cognitiva?” trata do novo paradigma teórico que se origina da insatisfação de estudiosos da Gramática Gerativa com o papel da Semântica e Pragmática no modelo teórico. Para a LC, a linguagem é vista como instrumento de organização, processamento e transmissão de informação semântico-pragmática. Nessa perspectiva, defende-se que a “relação entre a palavra e o mundo é mediada pela cognição” (p. 14). Assim, os significados das palavras são orientados pela construção cognitiva aprendida e pelo compartilhamento de crenças socioculturais, o que sugere uma visão enciclopédica do significado linguístico, que não pode ser tratado independente do contexto. Desta forma, a dicotomia entre semântica e pragmática é vista como inadequada, já que não se pode separar conhecimento linguístico de conhecimento de mundo. A autora ainda cita a abordagem de Langacker, segundo a qual o conhecimento enciclopédico pode apresentar especificações para centralizar a rede enciclopédica do significado com informação convencional, genérica, intrínseca

ou característica. A LC adota uma perspectiva empírica, enfatizando a experiência humana, a cognição e a realidade como ancoragem corporal, fazendo com que a linguagem reflita uma realidade projetada do ser humano. Com isso, a LC busca integrar diferentes áreas, buscando generalizações e estratégias de categorização que fundamentem e possibilitem essa interdisciplinaridade.

O capítulo segundo, intitulado “Categorização”, trata do processo de agrupamento de entidades semelhantes como objetos e lugares em classes específicas, traçando as implicações desse processo para a compreensão do fenômeno linguístico. As estratégias de categorização estão relacionadas à capacidade de memória de cada indivíduo, constituindo a forma de processamento e armazenamento de informações. Além disso, a autora discute, nesse capítulo, a categorização de objetos e seus diferentes níveis, como também os protótipos e os efeitos de protótipos em sua dependência com relação à similaridade dos representantes de um grupo, de acordo com os traços em comum dos membros. Ela trata ainda do contexto linguístico e social que são registros compartilhados pelas experiências cognitivas de indivíduos imersos nos modelos culturais em relações sociais estabelecidas.

O capítulo seguinte, “Frames e Modelos Cognitivos Idealizados”, faz referência às estruturas de conhecimento armazenadas na memória e que constroem o significado a partir da linguagem. A Semântica de Frames, abordagem desenvolvida por Charles Fillmore, trata da estrutura semântica das unidades lexicais e construções gramaticais. É essa estrutura que organiza o conhecimento em rede através da esquematização de experiências, considerando as bases físicas e culturais. Para a autora, o termo *frame* pode ser definido como um “sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência” (p. 50). Neste sentido, a autora faz alusão a Fillmore (2009) ao abordar o exemplo clássico do *frame* evento comercial, o que é propício para que se possa perceber o funcionamento dos padrões sintáticos e dos papéis situacionais evocados pelo *frame*,

trazendo implicações para o entendimento de noções problemáticas com *significado* e *conceito*. Quanto aos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIS), pode-se expor que sua noção é mais complexa e organizada que a de *frame*, por trazer três princípios na sua composição: estrutura proposicional, esquemas imagéticos e metafóricos e metonímicos. Ainda, com relação aos MCIS, outro fator importante são os efeitos prototípicos, que podem ser simples ou complexos, sendo definidos como efeitos emergentes da interação entre indivíduos, de forma que o maior conhecimento da situação acarreta a melhor adequação e aplicação de conceitos.

No capítulo “Gramática Cognitiva”, abordam-se as estruturas semânticas chamadas *predicações*, que são caracterizadas em relação a domínios de experiências, partindo-se da premissa de que a descrição semântica de uma expressão deve incorporar o seu domínio e sua organização hierárquica. No entanto, a especificação semântica das predicações pode depender do domínio matriz complexo evocado pela expressão. Nessa caracterização semântica, surge a imagética convencional que estrutura o conteúdo da expressão como o nível de especificidade, proeminência e perspectiva. Ainda nesse tópico, as classes das palavras são apresentadas, detalhando as categorias como nome, verbo, adjetivo e advérbio enquanto semanticamente definíveis. Mais adiante, no capítulo, aparece o tema da subjetividade e intersubjetividade, sendo a primeira tratada como a visão pessoal de fatos a serem representados no discurso. A autora aborda a questão de neutralidade, tida como uma idealização, isso porque as línguas são indissociáveis dos falantes. Ela reitera a perspectiva de Traugott e Dasher que visa a relacionar a subjetividade como pré-requisito para a intersubjetividade e a perspectiva de Langacker que traz a ideia de proeminência e do *Ground*. Para explicar a Representação Cognitiva, a autora faz referência ao sistema imagético que envolve categorias semânticas através da dimensão, da plexidade, da delimitação e da divisão. Em seguida, ela apresenta os desdobramentos de perspectiva, os quais envolvem a visão mental de cenas estruturalmente esquematizadas e após, a

dinâmica de forças e o esquema imagético, delimitando aspectos da concepção das experiências corporais relacionadas aos usos linguísticos e refletidas no mundo sócio-físico.

O capítulo sobre “Metáforas e metonímias” busca traçar uma distinção entre a concepção da LC e aquela de outras teorias que explicam essas figuras de linguagem. Destaca-se a importância dessas figuras e o seu papel no uso cotidiano da linguagem, enquanto parte de processos cognitivos. Assim, a metáfora é vista como “um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro” (p. 92), o que possibilita a identificação de um domínio-fonte (experiências mais concretas) e um domínio-alvo (experiências abstratas). Dentro desse tópico, a autora expõe as metáforas de tempo e do conduto, os sistemas metafóricos, a personificação, os esquemas imagéticos, a polissemia e os padrões inferenciais. Em seguida, ela discute a metonímia, definida como deslocamento de significação, no caso em que uma palavra usada normalmente para referir um dado termo passa a designar outro por associação de experiência (contiguidade). Com relação à oposição clássica entre metáfora e metonímia, vários estudos em LC, discutidos pela autora, apontam que a primeira mostra um enquadramento de um alvo particular (nova categoria ou analogia) e a segunda apresenta uma função referencial. Não há, entretanto, uma distinção suficientemente nítida desses conceitos.

No sexto capítulo, “A teoria dos Espaços Mentais”, apresenta-se a tese de que espaços mentais são criados à medida que o discurso se desenvolve, de modo que formam a “base” para ancorar o discurso na situação comunicativa imediata. Assim, “os espaços [mentais] são domínios conceptuais que contêm representações parciais de entidades e relações em um cenário percebido, imaginado ou lembrado” (p. 109). Neste tópico atribuído à teoria, há diferentes sentenças explicadas por meio das referências anafóricas e das ambiguidades referenciais, como também do tempo e modo verbais. A mesclagem conceptual pode ser considerada a origem da aptidão humana para inventar novos sentidos, a qual mostra sua relação com a correspondência

de termos análogos em um processo mental que envolve o espaço genérico, o *input I*, *input II* e o espaço-mescla. Neste sentido, a autora expõe que a teoria da mesclagem é aplicada a construções sintáticas específicas e as chamadas construções XYZ são especializadas em ativar integração conceptual. Ainda, ela aborda a mesclagem e a metáfora para caracterizar sua relação de complementaridade e divergência nas estruturas linguísticas.

A “Gramática de Construções” é o sétimo capítulo, no qual se propõe que as expressões linguísticas constituem unidades simbólicas baseadas em correspondências entre forma e significado. Com isso, as construções gramaticais são vistas como independentes das palavras que as constituem e ainda, podem ser vistas como expressões idiomáticas que, segundo a autora, são aprendidas como um bloco único de tipologias que apresentam alguns parâmetros. Também neste capítulo, apresenta-se a organização radial das construções sintáticas através das funções dêiticas, as construções de estrutura argumental mostradas pelos papéis argumentais e participantes e as redes construcionais, nas quais se destacam os laços polissêmicos e as relações pragmáticas.

O oitavo capítulo refere-se aos “Modelos baseados no uso e aquisição de Linguagem”, o qual inicia pela questão da aquisição da linguagem defendida por Chomsky com sua crítica ao behaviorista Skinner e a reviravolta na década de 1980 em relação aos estágios de desenvolvimento linguístico das crianças quanto às habilidades cognitivas e sociais. Com isso, as pesquisas focam no estudo da aquisição de unidades linguísticas, de forma a serem empregadas habilidades sociocognitivas gerais na aquisição da linguagem. Segundo a autora, nos Modelos baseados no uso, ressalta-se que as estruturas emergem do uso e a adaptação biológica ocorre através da habilidade de se comunicar simbolicamente, a qual permite que os seres humanos tenham o domínio da sua língua natural. De acordo com a teoria, as crianças adquirem a linguagem através da aquisição de construções, de forma que o uso e a criatividade linguística começam juntamente com o aumento do tamanho e da abstração das construções. A autora cita a abordagem de Tomasello (2003)

para tratar da aquisição da linguagem, vista como um domínio de habilidades cognitivas gerais apresentadas pela identificação de padrões e pela leitura de intenções.

Nas “Conclusões”, a autora salienta que o objetivo do livro é explicar as teorias atreladas à Linguística Cognitiva de forma didática, com a abordagem de conceitos, exemplos e exercícios que orientem a compreensão do leitor. Para finalizar, ela enfatiza que a compreensão do significado se dá por meio do contexto, no qual se refere a estruturas cognitivas e linguísticas oriundas de experiências do falante.

Com a leitura do livro, fica evidente o conhecimento da autora na área, o que sugere que outros leitores apreciem o texto para a ampliação do seu conhecimento e entendimento de como trabalhar e utilizar as diferentes teorias em questão em práticas de ensino e pesquisa. A partir do direcionamento apresentado do que é a LC e a importância dada ao contexto de uso real do falante, torna-se clara a intenção da autora de expor de forma objetiva os preceitos basilares referentes a essa teoria e sua aplicação real em estudos e análises discursivas.

Recebido em novembro de 2013
e aceito em dezembro de 2013